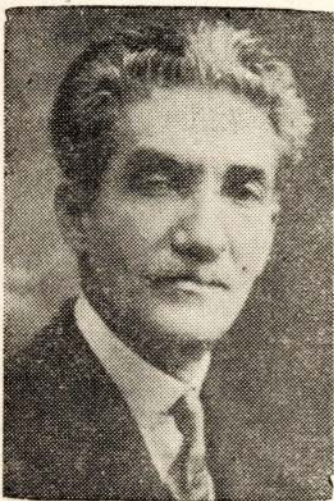


POETAS ESQUECIDOS

SOARES BULÇÃO

José Pedro Soares Bulção nasceu a 13 de Maio de 1873, na vila do Arraial, antiga denominação da actual cidade de Uruburetama, e faleceu, em Fortaleza, a 17 de Julho de 1942. Foram seus pais: Manoel Casimiro Soares e D. Florinda Tabosa Soares. Muito cedo revelou a força da sua inteligência, assi-



nando sonetos vigorosos de inspiração e de arte. Aos 19 anos já pertencia ao "Centro Literário", desta capital, e tomava parte activa no grande movimento beletrístico que, então, se operara, entre nós. Tóda a sua agitada existência foi dignificada pelo bom combate em defesa das mais belas causas. Jornalista de pena adextrada nas pugnas mais ásperas e desassombradas, só êsse aspecto lhe conferia as insígnias de perfeito cruzado das nossas melhores reivindicações políticas e sociais. Contrastando com a rudeza dessa atitude combativa, tantas vêzes posta à prova nas situações mais anímas, havia nêle a extrema delicadeza de uma sensibilidade lírica tocada dos mais suaves enternecimentos. Por outro lado, deu-se, também, infatigavelmente, à pesquisa histórica, penetrando a fundo nas bibliotecas, arquivos e cartórios de várias cidades cearenses, à cata das origens dos nos-

sos ancestrais, tornando-se um dos maiores dos nossos linhagistas. Como poeta, particularmente, foi êle dos melhores do nosso país. Desde a publicação vitoriosa de "Parémias", adagiarlo poético que fêz fama, o seu nome tornou-se alvo de todas as atenções. A sua obra poética, a maior parte enfiada no livro inédito "Hellanto", merece ser lembrado como padrão magnífico da verdadeira e alta poesia que não morrerá nunca. O seguinte soneto é a prova de nossa afirmação. — M L.

A M O R

*Amor que despedaça e que devora,
Que as próprias carnes, rindo, dilacera,
Amor que tem os ímpetos de fera,
E a covardia que se humilha e chora;*

*Amor que aceita o vil desprezo, e, embora,
Desprezado jamais se desespera,
Que vive só dessa fatal quimera,
E na própria desgraça se avigora;*

*Amor que sofre o escárneo perdendo,
Orgulhoso de tôdas as misérias,
De tôdas as vergonhas triunfando;*

*Amor, enfim, que só de amar se ufana,
Veneno nalma, incêndio nas artérias,
— E' a excelsa glória da fraqueza humana!*

Soares Bulcão